

nas mulas cansadas, fedendo a carniça e à tintura de iodo com a qual, após removidos os vermes, tratamos as feridas profundas no lombo dos animais. Passados dez dias, nosso estoque de comida se acabara, de modo que o homenzinho encarquilhado teve de ir à caça de macacos. Uma carne terrível, nada apetitosa. Foi preciso cortá-la em pedaços pequenos, para não vermos o que estávamos comendo. Houve um momento de tristeza tão profunda, enquanto, com os olhos esbugalhados de cansaço, mordiscávamos a carne seca de macaco, que uma maligna vontade de matar despertou em mim. Mas mesmo essa vontade não tinha força para impor-se. O índio apreciava sobretudo as mãos e pés do macaco, e, qual uma iguaria especial, saboreou-lhe o cérebro. Tostados na fogueira, os macacos assemelhavam-se ominosamente a criancinhas. De um só golpe, minha vontade de matar passara.

Tive diarreia, febre, alucinações. Vez por outra, deixava meu tronco repousar sobre o pescoço da mula, para não cair. Leo prosseguia ereto sobre a sela, o rosto como que congelado. O velho, descalço, tinha uma saúde de ferro. Com o auxílio de uma folha de palmeira, mantinha afastados os insetos. Depois de catorze dias de viagem, e num estado lamentável, chegamos à aldeia em cujas proximidades deveria situar-se a caverna. Dois índios singularmente

velhos, de aspecto preocupado, saúdam-nos. De pé, atrás deles, uma fileira de mulheres de ossos fortes e largos quadris, irradiando, a despeito da sujeira, cordialidade e dignidade — uma dignidade arrancada à pobreza. Não têm nada além de um par de roupas esfarrapadas, cachimbos, máscaras e cestos. De curiosidade, nem sombra. Somente depois que me deixei cair da mula, incapaz de pôr-me de pé, é que senhoras e senhores aproximaram-se e me ergueram. Como um animal abatido, puxaram-me para além do centro da aldeia, rumo a uma das cabanas, descarregando-me numa rede e dando-me comida e bebida. Em berços feitos de cascas, presos ao teto da cabana, repousam a meu lado crianças pequenas. Não fazem quase barulho algum, não choram, não gritam, apenas me olham. Acocorada a um canto, sobre uma esteira de folhas de palmeira e debaixo de um mosquitoeiro esgarçado, uma velha fala sozinha, num tom baixo e monótono.

Tive medo. Pareceu-me certo que morreria naquela rede. Incapaz de me mover, de repente assaltou-me a sensação de estar assistindo a meu enterro. Feridas grandes, abertas, devoradoras cobriam-me o corpo. O nariz, os lábios e a garganta estavam tão inchados que eu não podia mais gritar. Ademais, pareceu-me que as vozes provindas de fora da cabana se haviam tornado mais